

Uso de animais em aulas práticas: a opinião de acadêmicos do curso de ciências biológicas¹

Use of animals in school practice: the beliefs of biology academics

Rafael Gustavo Rigolon: Universidade Federal de Viçosa/Deptº. de Biologia Geral, rafael.rigolon@ufv.br

Camille Lotti Gorza: Universidade Federal de Viçosa/Curso de Ciências Biológicas, camille.ufv@gmail.com

Resumo

O uso de animais em pesquisas é intenso e ainda possui muitos defensores que o alegam ser indispensável para a continuidade do progresso científico. O atual trabalho visa conhecer a percepção de estudantes universitários do curso de Biologia acerca da utilização de animais vivos em pesquisas e ensino e a influência do meio acadêmico na formação de suas opiniões. Por meio de um questionário escrito, 28 estudantes formandos foram pesquisados para analisar a influência do curso na formação de suas opiniões sobre bioética e uso de animais em sala de aula. Foi evidenciado que 100% dos estudantes apoiam o uso de animais em pesquisas científicas e 78% apoiam o uso nas aulas práticas do curso. Esses resultados mostram que, aparentemente, existe uma visão utilitarista dos entrevistados que, apesar de reconhecerem os princípios éticos nos procedimentos com animais, justificam seu uso em prol de benefícios para os seres humanos.

Palavras-chave: Bioética; Vivissecção; Ensino Superior; Biologia.

Abstract

The use of animals in research is intense and still has many defenders who claim to be essential for the continuity of scientific progress. The current study aims to investigate the perception of Biology students about the use of live animals in research and teaching and the academic influence in their opinions. Through a written questionnaire, 28 students were analyzed about the influence of the course in his views on bioethics and animal use in the classroom. It was shown that 100% of students support the use of animals in scientific research and 78% support the use in the practical lessons of the course. These results show that apparently there is a utilitarian view of respondents, while acknowledging the ethical principles in animal procedures, justifying its use in favor of benefits for humans.

Keywords: Bioethics; Vivisection; Higher Education; Biology.

¹ Agência financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais/FAPEMIG.

Introdução

Existe uma polêmica muito grande em relação à utilização de animais vivos em pesquisas científicas e também em aulas práticas no Ensino Superior. Muitas são as posições sobre esse assunto, que permeiam as esferas ética, moral, racional e sentimental de estudantes, professores e cientistas.

Apesar disso, o uso de animais em pesquisas é intenso e ainda possui muitos defensores que o alegam ser indispensável para a continuidade do progresso científico. Segundo pesquisa realizada pelo Dr. Hadwen Trust e pela União Britânica para a Abolição da Vivisseção (NEW..., 2008) estima-se que 115 milhões de animais são utilizados todo ano ao redor do mundo em experimentos de laboratórios. Entretanto, tais dados estariam subestimados, uma vez que apenas 37 de 179 países coletam informações sobre esses experimentos.

Na Educação, o uso de animais vivos só é permitido no Brasil em Instituições de Ensino Superior, que visam sua utilização principalmente para visualização, aprofundamento e treinamento dos estudos teóricos. De acordo com Zanetti (2009),

tais práticas, consolidadas na cultura universitária de diferentes cursos, vêm sendo severamente criticadas por educadores e profissionais, através de argumentações de ordem ética, técnica e psicológica, em favor de uma educação mais inteligente e responsável (ZANETTI, 2009, p. 8.570).

Além disso, a atual mercantilização do Ensino Superior, marginaliza questões e debates éticos dentro da esfera universitária, afetando assim a formação e julgamento de conceitos relacionados a esse assunto por parte dos graduandos.

A transformação do ensino universitário, no sentido de uma visão tecnicista que privilegia o pensamento formal, lógico, "frio" e a orientação profissionalizante subordinada às demandas do mercado, pode também ser identificada nas interações com os animais de estudo. (VALADÃO; ANDRADE, 1990, p. 450).

Apresentado este contexto, o atual trabalho visa conhecer a percepção de estudantes universitários do curso de Ciências Biológicas acerca da utilização de animais vivos em pesquisas e ensino e a influência do meio acadêmico na formação de suas opiniões. Visa ainda, obter informações dos procedimentos utilizados durante as aulas práticas nos animais, como é realizada a fiscalização desse processo e se docentes e estudantes estão cientes das leis e normas que regulamentam os procedimentos com animais vivos.

Fundamentação teórica

Para Vásquez (1995), a Ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, e enquanto conhecimento científico, a ela deve aspirar à racionalidade e objetividade mais completas, e ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite do possível, comprováveis. A moral e a Ética são termos que alguns autores utilizam indistintamente, de modo intercambiável, uma vez que sob o ponto de vista etimológico, Ética e moral têm idêntico conteúdo semântico (FERRER; ÁLVARES, 2005).

Segundo Vásquez (1995, p. 27) “a moral só pode surgir quando o homem supera a sua natureza puramente natural, instintiva, e possui já uma natureza social [...]”. A moral, assim, nasceu em comunidades de homens primitivos com a finalidade de assegurar a concordância do comportamento de cada um com os interesses coletivos (VÁSQUEZ, 1995).

Segundo Diniz e Guilhem (2008, p. 15), Bioética é um termo criado por Van Rensselaer Potter, em 1971, mas, hoje, a paternidade sobre o neologismo ainda é contestada. A proposta de Potter ao criar esse termo foi de “associar Biologia (entendida, em sentido amplo, como o bem estar dos seres humanos, dos animais não-humanos e do meio ambiente) e Ética [...]”.

Com quase quatro décadas de vida, a Bioética obteve um crescimento muito grande em vários lugares do globo, com práticas e acentos culturais diferenciados, passando por complexas metamorfoses conceituais (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2007). Este fato pode ser observado, segundo Azevêdo (2010),

através do aumento do número de textos especializados sobre o tema, fóruns de debate e congressos na área, da implantação da Bioética como disciplina em diversos cursos de graduação e pós-graduação e da constituição de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) em diversas instituições de pesquisa e em hospitais. (AZEVEDO, 2010, p. 2).

O uso de animais para atividades que visem o bem estar humano vêm sendo desenvolvido desde o momento em que o homem conseguiu estabelecer seu domínio físico, através de armas e ferramentas, sobre esses seres. A utilização de animais para fins científicos começou a ser praticada por volta de 500 a.C., na Grécia, por Alcmeon, que dissecava animais para fazer observações anatômicas (PAIXÃO, 2001). A partir do século XVIII, a experimentação animal tornou-se crescente, levando em consideração basicamente a noção de que os animais não sentem dor, advinda do pensamento cartesiano.

Claude Bernard, que viveu durante o século XIX, é considerado o maior fisiologista de todos os tempos e institucionalizou a viviseção. Fez várias declarações defendendo o uso de animais em pesquisas, já mediante pequenas pressões exercidas pela sociedade naquela época. Ele fundou o “paradigma” da Biomedicina moderna, que tem como elemento central a experimentação animal. (PAIXÃO, 2001).

Finalmente, os séculos XX e XXI são marcados pelo surgimento de organizações defensoras dos direitos animais e vários cientistas que defendem a substituição animal por outros métodos de pesquisa e estudo.

Os argumentos contra o uso de animais se baseiam principalmente na defesa do bem-estar animal e dos seus direitos intrínsecos como seres vivos. O princípio de igualdade defendido por Singer (1998) implica que a nossa preocupação com os outros não deve depender de como são, ou das aptidões que possuem, e tal princípio deve ser estendido às outras espécies. Ou seja, o fato de outros seres não pertencerem à nossa espécie, não nos dá o direito de explorá-los, nem significa que, por serem os outros animais menos inteligentes do que nós possamos deixar de levar em conta os seus interesses. O autor utiliza o termo “especista” para denominar aquelas pessoas que atribuem maior peso aos interesses de sua própria espécie quando há um choque entre seus interesses e os daqueles que pertencem às outras espécies. Para ele, “os especistas humanos não admitem que a dor é tão má quando sentida por porcos ou ratos como quando são os seres humanos que a sentem” (SINGER, 1998, p. 68). Além disso, as experiências realizadas com animais nem sempre levam a descobertas sobre os seres humanos, como no caso citado por Singer:

Atualmente, há mais questionamentos quanto ao uso de animais vivos em aulas práticas por parte de estudantes e professores, pois segundo Zanetti (2009) tal prática nega o valor intrínseco à vida - objeto de estudo das Ciências Biológicas, sugerindo aos alunos que animais são itens descartáveis como qualquer material didático. Para Barbudo (2006), um dos problemas que envolvem este uso é a “dessensibilização” de estudantes, onde cada vez mais estes se tornam frios para com os animais. Há, ainda, aqueles estudantes que desistem do curso que escolheram por não concordarem com tais práticas, o que gera enormes perdas para

a ciência, de profissionais com sensibilidade desenvolvida para lidar com seus futuros pacientes e com princípios éticos (FERRARI, 2004).

Além disso, a utilização desses animais quase não agrega conhecimento aos estudantes, podendo estes ainda estar sujeitos a perturbações psicológicas dependendo de determinados procedimentos adotados. Prejuízos éticos, psicológicos e cognitivos podem ocorrer em alunos submetidos às práticas de ensino envolvendo experimentação em animais, como a desvalorização da vida e uma menor sensibilidade ao sofrimento animal (ZANETTI, 2009). Além disso, segundo Ferrari (2004), muitos experimentos não conduzem aos resultados almejados, dando margem a interpretações confusas, que decorrem de vários fatores, tais como imperícia técnica na condução do experimento, desequilíbrio da saúde física e psíquica do animal antes de se iniciar o experimento, diferenças individuais entre animais de uma mesma população, *etc.*

Atualmente existem muitas técnicas didáticas alternativas para aulas práticas, que tal como afirma Zanetti (2009), têm possibilitado aos estudantes igual ou superior aprendizado. Fragoso e Cândido Júnior (2007) citam alguns métodos alternativos para fins didáticos como modelos e simuladores mecânicos, filmes e vídeos interativos, simulações computacionais e de realidade virtual, acompanhamento clínico em pacientes reais, autoexperimentação não-invasiva, estudo anatômico em animais mortos por causas naturais, micro-organismos *in vitro* e acompanhamento, por meio de observação, de profissionais em atividade.

Mesmo existindo situações assim, os estudiosos que argumentam a favor do uso de animais em aulas práticas tem como princípio o treinamento de estudantes - como em aulas práticas de Medicina Veterinária - e a melhor visualização de conhecimentos teóricos. Ainda alegam que os alunos acham mais interessantes e obtêm maior aproveitamento em aulas que utilizam esse tipo de recurso. Segundo Souza (2007), os docentes afirmam que não aplicam métodos alternativos em aulas práticas por ineficácia dos mesmos e também pelo desinteresse demonstrado pelos alunos.

No entanto, é cada vez maior a pressão contra o uso de animais vivos como recurso didático, já que alguns métodos alternativos têm demonstrado melhor eficácia no cumprimento de tal objetivo (ZANETTI, 2009).

De acordo com um estudo realizado por Lima *et al.* (2008),

alguns professores e licenciandos consultados defendem a construção dos conceitos zoológicos por meio da manipulação dos animais, por desconhecimento ou por não concordarem que recursos alternativos são necessários e oportunos para a formação prática diferenciada do licenciando. (LIMA *et al.*, 2008).

Dessa forma, não há um consenso quanto ao uso de animais em aulas práticas, tornando essa atividade passível de intensas discussões no âmbito das Instituições de Ensino Superior.

Desenvolvimento

A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a pesquisa qualitativa social. Foi aplicado um questionário escrito, durante os meses de agosto e novembro de 2010, para 28 concluintes do curso de graduação de Ciências Biológicas de uma instituição de Ensino Superior de uma cidade da região da Zona da Mata mineira. O questionário continha seis perguntas sobre a opinião desses estudantes sobre uso de animais vivos em aulas práticas de diversas disciplinas do curso e em pesquisas científicas, sobre o conhecimento deles sobre as leis que regem esse uso e se em alguma dessas disciplinas houve espaço para discussão do tema Bioética.

A amostra de estudantes escolhidos foi composta por aqueles que estiveram cursando o penúltimo ou último semestre do curso para, além de outros objetivos, analisar a influência do curso na formação de suas opiniões acerca do assunto abordado aqui.

Os dados levantados foram categorizados de forma a obter padrões na análise das respostas. Esperou-se assim, poder realizar uma discussão da percepção dessa amostra de estudantes acerca do uso de animais vivos na pesquisa e no ensino e analisar um padrão futuro na Bioética Animal ao lidar com estes elementos.

Resultados

Durante a análise dos resultados, não foi observado um padrão de respostas com relação ao gênero ou a modalidade do curso (bacharelado ou licenciatura) não havendo, portanto a influência desses fatores na percepção dos estudantes pesquisados.

A primeira questão era fechada e considerava a opinião dos estudantes sobre a utilização de animais vivos pelos seres humanos. Analisando-se os resultados, evidenciou-se que 100% dos estudantes pesquisados são a favor da utilização de animais em pesquisas.

Esses posicionamentos dos discentes revelados na primeira questão refletem uma visão utilitarista dos mesmos em relação aos animais, a qual converge com os pensamentos de Jahr (1927), que acreditava que na sociedade ocidental o conceito de proteção aos animais tem um limite no ponto de vista da utilidade sendo que nos satisfazemos em evitar ao menos o sofrimento inútil dos animais. Portanto, de acordo com os estudantes, “os fins justificam os meios” uma vez que levam em consideração principalmente os benefícios gerados pelo uso desses animais em pesquisas que visam o bem-estar humano, e não o processo pelo qual os animais são submetidos para alcançar esse objetivo.

Com relação a esta questão, aqui serve como exemplo uma resposta que, como as demais, afirmam o apoio ao uso de animais nas pesquisas, mas com algumas ressalvas: *“Acho necessária a utilização de animais em pesquisa, mas de forma controlada. O pesquisador deve procurar usar apenas o número de animais necessários, evitando matá-los inutilmente. Os procedimentos de morte ou da pesquisa devem ser cuidadosamente pensados de modo a minimizar o sofrimento dos animais.”*

Em relação ao uso de animais em aulas práticas, 21,4% da amostra são contra e 78,6% a favor. Estes dados conferem com os encontrados por Lima *et al.* (2008) onde apenas 30,8% dos estudantes defenderam a não-utilização de animais como recurso em aulas.

Para uma melhor compreensão dos motivos que levaram a maioria dos discentes a serem favoráveis ao uso de cobaias não-humanos em aulas, foram categorizadas as suas justificativas e condições bem como as justificativas contrárias ao uso (Tabela 1).

Percebe-se que as justificativas a favor do emprego de seres não-humanos como cobaias em experimentações didáticas ou não, em sua maioria fundamentam-se em uma visão antropocêntrica utilitarista, onde o objetivo final seria em benefício da espécie humana. Porém, é importante destacar as ressalvas feitas pelos entrevistados que se demonstraram preocupados com o bem-estar animal durante o processo. Como exemplo, o depoimento de um aluno: *“Acho necessária a utilização de animais em pesquisa, mas de forma controlada. O pesquisador deve procurar usar apenas o número de animais necessários, evitando matá-los inutilmente. Os procedimentos de morte, ou da pesquisa, devem ser cuidadosamente pensados de modo a minimizar o sofrimento dos animais.”*

A percepção dos estudantes que eram contra o uso de animais nas aulas, concorda com a de muitos pesquisadores já citados como Barbudo (2006), Ferrari (2004) e Zanetti (2009) que

levantam questões como diminuição da sensibilidade e banalização da vida por parte dos discentes, que enxergariam os animais como meros instrumentos de trabalho.

Os resultados das perguntas referentes ao conhecimento das leis sobre uso de animais em pesquisas e aulas mostraram um desconhecimento bastante grande por parte desses alunos. Apenas 10,7% dos pesquisados afirmaram conhecer plenamente as leis regulamentadoras.

A última pergunta do questionário investigou se o principal assunto do presente estudo teria sido abordado em alguma disciplina da graduação. Os resultados alcançados mostram que 75% dos alunos tiveram aulas que trataram do tema, enquanto 14,3% não tiveram e 10,7% afirmam não se lembrar. Ao serem indagados se tal abordagem contribuiu para a formação ou mudança de suas opiniões prévias 57,1% dos entrevistados responderam negativamente (p. ex.: “*Não contribuiu muito porque a discussão em si não foi aprofundada e estamos, muitas vezes, impregnados por pré-conceitos e falsas conclusões que dificultam uma discussão de fato formativa*”). e 42,9% afirmou que contribuiu para formar uma opinião como cita um dos entrevistados: “*Formar opinião sim, uma vez que levou em consideração os aspectos legais e éticos da utilização de animais*”.

Tabela 1 - Frequência de respostas a favor e contra o uso de animais em aulas práticas

Categorias de justificativas favoráveis	n.º pessoas	Frequência percentual (%)
Melhor compreensão de conceitos teóricos	8	28,6
Necessária em alguns casos (não-exemplificados)	7	25,0
Depende do curso	2	7,1
Prende a atenção do aluno	2	7,1
Válida pra toda disciplina da área da saúde	1	3,6
Subtotal	22	78,6
Categorias ressalvas às justificativas favoráveis		
Uso moderado dos animais	7	25,0
Uso ético	5	17,9
Se forem criadas para tal propósito	2	7,1
Minimização do sofrimento	2	7,1
Se não houver sacrifício	2	7,1
Se não houver lesão	1	3,6
Subtotal	22	78,6
Categorias de justificativas contrárias		
É possível utilizar outros recursos didáticos	4	14,2
Banalização da vida animal pelos alunos	2	7,1
Não acrescenta no conteúdo	1	3,6
Subtotal	6	21,4
Total	28	100,0

Considerações finais

Apesar de o termo Bioética ser mais recente (FERRER; ÁLVARES, 2005), as preocupações relacionadas a problemas nessa área, já existiam desde o começo da humanidade. O foco em Bioética Animal ganhou destaque juntamente com a pressão social a favor do bem-estar animal, que a partir da segunda década do século XX, se tornou cada vez mais organizada e efetiva (AZEVEDO, 2010).

No entanto, ainda é intenso o uso de animais em experiências laboratoriais e salas de aulas do Ensino Superior, o que provoca polêmicas e discussões levantadas por vários autores como Azevêdo (2010), Singer (1998), Paixão (2010), Zanetti (2009), Ferrari (2004) entre outros.

Dessa forma, o presente estudo investigou a percepção de estudantes e professores do curso de Ciências Biológicas da UFV, a respeito do controverso uso de animais durante as pesquisas e como recurso didático.

Foi verificado que a totalidade dos discentes entrevistados é a favor das pesquisas com animais que visem à cura de doenças. Ainda, a maioria dos estudantes (78,6%) concorda com o uso didático de animais em aulas práticas. Esses resultados mostram que, aparentemente, existe uma visão utilitarista dos entrevistados, que apesar de reconhecerem a importância da aplicação de princípios éticos durante os procedimentos com animais, justificam o uso desses em prol de benefícios para os seres humanos, como a cura de doenças, criação de vacinas, avanço da Ciência, entre outros.

Além disso, concluiu-se que a porcentagem de alunos que não tem um conhecimento pleno das normas que regulamentam o uso de animais em pesquisas e ensino é muito alta (89,7%). A maioria dos estudantes entrevistados não ficou satisfeita com a metodologia utilizada pelos professores se tratando desse assunto. Alegaram que as discussões são superficiais e não contribuem para uma melhor formação acadêmica e até mesmo pessoal. Esses resultados foram similares aos que Barbudo (2006) encontrou em sua pesquisa com relação às opiniões de estudantes ao tratar a abordagem por parte dos professores de aspectos éticos sobre a utilização de animais em aulas práticas. Portanto, deve ser elaborada uma forma mais eficiente de discutir as implicações éticas e morais do uso de animais como cobaias em pesquisas e aulas práticas, despertando o senso crítico dos discentes podendo gerar pesquisadores mais sensíveis e éticos nesse campo além de novas ideias para a substituição desses recursos animais.

Dessa forma, é de extrema importância que haja um sistema eficiente de fiscalização, para que as normas sejam realmente seguidas dentro das instituições.

Com todas essas considerações, conclui-se que a Bioética Animal é um assunto que merece mais atenção e discussão nas instituições de Ensino Superior. É importante que os professores revisem seus conceitos em relação a essa questão, para que estejam conscientes da importância da instigação do senso crítico dos alunos quanto a essa polêmica. Ainda, todas as disciplinas que usam animais vivos como recursos deveriam abordar de forma ampla e intensa as implicações dessa atividade tanto para os animais, quanto para os próprios estudantes. Seria interessante ainda a criação de uma disciplina que pudesse tratar a Bioética, especificamente direcionada para o curso de Ciências Biológicas, para que se discutam assuntos pertinentes a essa área de forma crítica e sem censura. É importante, portanto que os futuros biólogos, pesquisadores e docentes estejam cientes das implicações éticas e morais de seus atos e práticas, para que suas contribuições ao mundo sejam dadas de forma a favorecer não só a espécie humana, mas também todos os outros seres vivos.

Referências

- AZEVEDO, D. M. M. R. **Experimentação animal:** aspectos bioéticos e normativos. Disponível em: <<http://www.veterinariosnodiva.com.br/books/aspectos-bioeticos-e-normativos.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2011.
- BARBUDO, C. R. **O uso prejudicial de animais em salas de aula como recurso didático.** 2006. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2006.
- DINIZ, D.; GUILHEM, D. **O que é bioética.** 1 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.
- FERRARI, B. G. **Experimentação animal:** aspectos históricos, éticos, legais e o direito à objeção de consciência. 2004. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito de Bauru, Bauru, 2004.
- FERRER, J. J.; ÁLVAREZ, J. C. **Para fundamentar a Bioética:** teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- FRAGOSO, R. O.; CÂNDIDO JÚNIOR, J. F. Uso (ou não) de animais vivos na pesquisa e na educação. *In:* SEMANA DA BIOLOGIA, 17., 2007, Cascavel. **Resumos dos Trabalhos...** Cascavel: UNIOESTE, 2007. Disponível em < http://cac.php.unioeste.br/eventos/OLD_mesmo_antigos/semanadabio2007/resumos/EE_16.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2010.
- JAHN, F. **Bioética:** um panorama sobre as relações éticas do ser humano com os animais e as plantas. 1927. Tradução José Roberto Goldim. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/bioetica/jahr-port.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2011.
- LIMA, K. E. C. *et al.* Conflito ou convergência? Percepções de professores e Licenciandos sobre ética no uso de animais no ensino de Zoologia. **Investigações no Ensino de Ciências**, v. 13(3), p. 353-369, 2008.
- NEW research reveals 115 million animals used in experiments worldwide. **Dr. Hadwen Trust**, 13 august, 2008. Disponível em: <<http://www.drhadwentrust.org/news/new-research-reveals-115-million-animals-used-in-experiments-worldwide>>. Acesso em: 17 jun. 2010.
- PAIXÃO, R. L. **Experimentação animal:** razões e emoções para uma ética. 2001. Disponível em <<http://portalteses.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2001/paixaorld/capa.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. de P. de. **Problemas atuais de bioética.** 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- SINGER, P. **Ética prática.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SOUZA, A. S. **Uso de animais para fins didáticos:** percepção dos estudantes e professores dos cursos da área de Saúde da FTC – Salvador. 2007. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador, Salvador, 2007.
- VALADÃO, R.; ANDRADE, R. M. de. O ensino da Biologia: suas relações com a experimentação animal e defesa do meio ambiente. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 444-454, out./dez. 1990.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- ZANETTI, M. B. F. O uso experimental de animais como instrumento didático nas práticas de ensino no curso de Medicina Veterinária. *In:* ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2009. p. 8.570-8.582. 1 CD-ROM.